

# Fernando Pessoa e a filosofia. Um diálogo com Emil Cioran e John Gray

JOÃO MAURÍCIO BRÁS

CLEPUL

*Resumo:* A revista *Orpheu* é uma publicação ímpar na história cultural Portuguesa, a sua brevidade é sintomática do nosso modo de estar. É contudo sobre Fernando Pessoa que este texto incide. Defendemos que não é possível uma compreensão ampla de Pessoa sem analisar a importância da Filosofia na sua obra. Para sustentar esta afirmação: «Numa curta comunicação e numa dezena de páginas, não ousarei mais que utilizar uma pequena comparação e apontar alguns fragmentos e apenas de uma das suas obras, *O Livro do Desassossego*. Convoquei dois filósofos para estabelecer esse diálogo, Cioran e John Gray.»

A revista *Orpheu*, independentemente da análise especializada do seu conteúdo, muito nos diz sobre hábitos culturais e estruturas de fundo do modo de estar luso. Hoje, a ser possível o exercício, não haveria provavelmente sequer a revista ou a existir, não teria conhecido maior longevidade. Contém todos os ingredientes do que é Portugal.

*Orpheu* foi um projeto inovador, radical, contemporâneo. Conheceu, excetuando um círculo restritivo e citadino, a indiferença e a crítica negativa, com vida breve, fecha devido a alguns desacordos e falta de verbas.

Quase tão importante como aquilo que foi, é o que poderia ter sido e os motivos porque não foi.

O tema desta reflexão não incide contudo sobre o monumento *Orpheu*, mas sobre um dos seus principais pilares, Fernando Pessoa.

## Um pequeno preâmbulo sobre o universo Pessoa

Fernando Pessoa, este nome ultrapassa há muito qualquer radicação num texto, numa ação, num livro ou mesmo na obra, com todas as vantagens e riscos de tal metamorfose. Podemos falar de Pessoa, ter sobre ele uma opinião e nada conhecer ao certo da sua obra. Algo transcendeu em muito o autor e o seu trabalho.

Corremos o risco de quando dele falamos ou o analisamos, referir, não já Pessoa e a sua obra, mas o meu Pessoa, o teu Pessoa, o Pessoa do grupo y ou do grupo x, o

Pessoa, por exemplo esotérico, o nacionalista, o da literatura. Faltará ainda um Pessoa da filosofia.

O escritor tem os seus fiéis e verdadeiros intérpretes e exegetas<sup>1</sup>, o que é perigoso, sabemos como os dogmas destroem e chegam mesmo a matar. Nem sei se esta não será uma limitação à leitura do nosso poeta mor. Quando um autor se torna muito estudado deixa com frequência de ser lido/fruído e até vivido. A análise tem algo de esquartejamento e artificialismo. É caso para perguntar, quando falamos de Pessoa, falamos do quê?

Pessoa e tudo o que se seguiu com a sua obra, torna-o também o mais Borgiano dos autores. Basta rearrumar, cortar, juntar, justapor os seus textos, e temos quase tantos Pessoas quantos aqueles que pretendemos. Cada um de nós constrói o seu Pessoa. O que é uma qualidade sem dúvida, mas perturba qualquer compreensão essencial, a não ser que o essencial de uma obra, seja o dar-se a essa possibilidade de cada um construir o seu texto e a sua interpretação.

No caso deste texto, não conseguimos não incorrer no que enunciamos.

\*

É redundante afirmar que Pessoa é um mundo, um universo. Mas esse chavão legítimo contribui para que o autor deixe de ser totalmente nítido. O problema é duplo, Pessoa é um mundo e é genial (encarna a literatura, como já mencionamos no sentido Borgiano), e as lentes para o analisar, ler e fruir, geraram todo um universo, que muito também deve, quer à capacidade analítica quer imaginativa dos seus exegetas. Não sabemos até que ponto se tem visto muito mais que aquilo que lá está.

No meu caso, como leitor laico de Pessoa sempre vi nele um autor profundamente filosófico.

A temática central da vida como sonho e da sensação como a única via de acesso à realidade, é mais filosófica que literária. A sua filosofia tem contudo um problema, é principalmente intuitiva, experiencial e tentativa de sabedoria, e não tanto uma técnica de conhecimento com o respetivo jargão.

A sua capacidade literária e de criador de universos provoca também uma densa cortina sobre o conjunto de ideias e experiências que constituem a sua substância. Pessoa e literatura identificam-se de um modo apenas acessível a um punhado de autores. Pessoa e literatura são sinónimos. Institucionalmente é um escritor, não um filósofo genuíno, mas sem a captação das suas referências e experiências de índole filosófica, ficará bastante empobrecida a análise literária da sua obra.

---

1 O termo Pessoaano já faz parte desse universo. Há os pessoanos e os outros.

Numa curta comunicação e numa dezena de páginas, não ousarei mais que utilizar uma pequena comparação e apontar alguns fragmentos e apenas de uma das suas obras, *O Livro do Desassossego*. Convoquei dois filósofos para estabelecer esse diálogo, Cioran, John Gray.

As citações de Pessoa que utilizo referem-se, portanto, unicamente a esse livro. A minha conceção tem pouca ou nenhuma relevância, mas como amador considero o *Livro do Desassossego* o seu registo autobiográfico por excelência e que só poderia ser literário. Refira-se que a autobiografia de Pessoa teria que ser algo de essencialmente mental, «sendo a vida essencialmente um estado mental». O *Livro do Desassossego* é uma autobiografia mental de um escritor.

Atendamos nos seguintes aforismos:

«O conhecimento não é possível, e se apesar de tudo o fosse, não resolveria nada.»

«Só tem convicções quem não aprofundou nada.»

«Dividido entre a violência e o desengano, assemelho-me a um terrorista que ao sair à rua com a intenção de perpetrar algum atentado, se deteve no caminho para consultar o Eclesiastes e Epicteto.»

«A vida só se tornará suportável no seio de uma humanidade a que não reste nenhuma ilusão, uma humanidade completamente desenganada e feliz por o estar.»

«Para aquele que tomou o irritante hábito de desmascarar as aparências, *acontecimento* e *mal-entendido* são sinónimos. Ir ao essencial é abandonar a partida e confessar-se vencido.»

«Onde estão as minhas sensações? Desvaneceram-se...em mim, e o que é isso senão a soma dessas sensações?»

«Ser estéril e com tantas sensações. É a perpétua poesia sem palavras.»

Poderiam ser certamente aforismos de Pessoa, e a sua escrita muito tem de aforístico. Estes aforismos e encontraríamos centenas, pertencem a um pensador de fragmentos, Emil Cioran e à obra *De l'Inconvénient d'Être Né*. Também Pessoa é um filósofo de fragmentos.

São muitas e profundas as semelhanças filosóficas entre Pessoa e Emil Cioran, filósofo marginal de origem romena, que viveu a maior parte da sua vida em Paris até

à sua morte em 1995. Ambos escritores e pensadores geniais, marginais no seu tempo, mas depressa canónicos e eternamente condenados ao mal-entendido da apropriação pelos pares, às emoções dos leitores e aos dogmas à peça dos académicos.

Pensadores subjetivos e fragmentários. Escreveram primeiro que tudo para expressar um tremendo desacordo com a vida e tiveram em comum a capacidade de expressar esse desacordo, que adquire corpo, principalmente nas suas existências, através das palavras, se bem que ambos desconfiassem das palavras.

Lucidez, desengano, tédio, um pensar orgânico e visceral, a impotência de agir, a sabedoria mais que o conhecimento, a importância e problematização da clarividência, o horror e fascínio de ser humano, a inanidade do sentido e da vida, são lugares primordiais que ambos percorrem de modo muito idêntico. A consciência dolorosa das nossas alienações, as limitações da nossa condição, o Shakesperiano asco perante a nossa fragilidade, a dor da diferença e a necessidade de um saber como suportar a vida, em que cada um encontra o seu conjunto de estratégias vitais, são programáticos em ambos.

São autores demasiado singulares, Pessoa será sempre e unicamente Pessoa, e o mesmo sucede com Cioran, mas o estado mental, o modo de estar e ver têm muito em comum. Sendo a respetiva singularidade um traço fundamental assim como o seu pensar subjetivo, como alcançaram o respetivo reconhecimento?

O pensador subjetivo parte do que sente, do que vive, dos seus caprichos e transtornos, mas alcança, pela intensidade da experiência particular, aspetos universais do estar humano. O particular eleva-se ao universal, porque toca o fundo da vida<sup>2</sup>.

Também Fernando Pessoa, como Cioran, se insere numa longínqua tradição<sup>3</sup>. Aquela que de Theognis a Beckett revela muitas dúvidas sobre a legitimidade do ser humano e sobre as visões predominantes do mundo, ordenado, quotidiano, arrumado e vigente, o tal mundo tributável. «É outra vez o horror de sempre, – o dia, a vida, a utilidade fictícia, a atividade sem remédio (...). Sou eu outra vez, tal qual não sou» (PESSOA, F., VOL II, 1982: 325).

Como viver quando se alcança essa “pavorosa ciência do ver”? Que já não é apenas sobre um pessoa, lugar ou situação concreta, mas que adquire a ressonância da própria condição humana? Como viver ainda? E viver, é principalmente na nossa mundividência, ação.

O Ocidente moderno tem um dos seus pilares fundamentais no culto da ação. É o agir que realiza e transforma. Sem a ação não há progresso. O êxito, o sucesso, o mérito advêm principalmente da ação.

---

2 Fundo da vida primordial, originário, deveriam constituir as características do que se chama verdade.

3 Por exemplo, para Homero, o homem é o ser mais desgraçado de todos aqueles que respiram e existe, para Platão a vida é desventura, e melhor teria sido para o homem não existir.

A inação, a quietude, a contemplação tornam-se anomalias e podem mesmo ter origem numa patologia (psicológica) ou num vício (moral).

Diz-nos Pessoa: «Nunca encontrei argumentos senão para a inércia. Dia a dia, mais e mais, se infiltrou em mim a consciência sombria da minha inércia de abdicador.» (PESSOA, F., VOL II, 1982: 327).

Agir não só expressa como é a potência, não agir provem e resulta de uma impotência, num menos de ser, numa doença. Agir é produzir, gerar, construir. Quem não age é o improdutivo, e quem não produz é e está obsoleto, já não serve, é excedentário, está a mais. São os ritmos modernos do mundo. Aquele que não age<sup>4</sup> ou não privilegia a ação é o inútil.

Ora, paradoxalmente há uma dimensão do não agir, que é prática, remete para um tipo de conhecimento e modo de estar. Refere Pessoa: «Se erguia dos livros os meus olhos cansados, ou se dos meus pensamentos desviava para o mundo exterior a minha perturbada atenção, só uma cousa eu via, desmentindo-me toda a utilidade de ler e pensar, arrancando-me uma a uma todas as pétalas da ideia de esforço: a infinita complexidade das cousas, a imensa soma (...), a prolixa inatingibilidade dos próprios poucos factos que se poderiam conceber precisos para o levantamento de uma ciência» (PESSOA, F., VOL II, 1982: 326).

A impotência para a ação tem um fator principal, o sentimento e conhecimento da profunda inutilidade da própria ação.

Esta impotência legitima-se na desarticulação com a narrativa e o modo de estar “oficial”, ou seja “vigente”, e oferece dois caminhos, a patologia, e um outro, que é possibilidade de clarividência, de fecundo cepticismo, niilismo e pessimismo. É via para uma filosofia possível da lucidez e do desengano.

«Tenho que escolher o que detesto – ou o sonho, que a minha inteligência odeia, ou ação, que a minha sensibilidade repugna; ou a ação, para que não nasci, ou o sonho, para que ninguém nasceu.

Resulta que, como detesto ambos, não escolho nenhum» (PESSOA, F., VOL II, 1982: 52). Ainda sobre o agir, «A ação desorienta-nos, em parte por incompetência física, ainda mais por inapetência moral. Parece-nos imoral agir. Todo o pensamento nos parece degradado pela expressão em palavras, que o tornam coisa dos outros, que o fazem compreensível aos que compreendem» (PESSOA, F., VOL II, 1982: 53). Mas há um positivo que se vislumbra na impotência para agir e nos seus correlatos visíveis do frenesim e da agitação. A lucidez, que exige um deter-nos, um parar, uma não adesão

---

4 Pessoa quis agir, mas algo se impõe à vontade de agir. Veja-se o exemplo da *Mensagem*, e a tese original de Onésimo Almeida, em *Pessoa, Portugal e o Futuro* (Gradiva, 2014), a estratégia de criar e utilizar mitos como guia para ação, no que é um projeto político baseada numa teoria pragmática da verdade.

na roda da mudança permanente, seja ela ilusória ou não, do mundo e da existência. A impotência para agir é uma condição necessária, embora não suficiente para a lucidez.

A lucidez não se adquire sem um determinado modo de estar que implica necessariamente um outro modo de ver.

Dizia-nos Cioran, que se tivesse que fazer o seu próprio balanço, ele seria o resultado das suas horas perdidas, do seu tempo desperdiçado. Perda que contudo considera um ganho. Pois só o homem que se mantém à margem, que não atua como os demais, conservaria a faculdade de compreender algo de verdade.

Estamos num outro plano do conhecimento e acesso ao mesmo.

Procurar a verdade é indagar sobre o que verdadeiramente importa, para a vida concreta e vivida. E essa verdade extrai-se a partir de uma experiência não valorizada social e politicamente. A lucidez não é um conceito científico, não se verifica ou falsifica, é uma experiência individual. Ora, não há ciência do individual. E como experiência individual depende de diferentes níveis, físicos, psicológicos e cognitivos. A lucidez tem origem num desacerto que não é só mental e conceptual. A fisiologia e a metafísica são dimensões dessa experiência.

Os textos literários de Pessoa estão repletos de uma filosofia que é uma fisiologia das ideias. Por exemplo, sobre o tédio. Este será algo próprio de quem não tem deuses nem mitologias: «A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem força para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, a falta, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade.» (PESSOA, F., VOL I, 1982: 282).

Não se trata do tédio como aborrecimento ou mera experiência psicológica e sazonal. O tédio que Pessoa refere tem implicações no modo de estar e pensar, não se trataria de uma doença do aborrecimento de quem nada tem que fazer, mas algo maior, o sentir que não vale a pena fazer nada. Também Cioran numa entrevista<sup>5</sup> ao filósofo Fernando Savater confessa que a experiência do tédio<sup>6</sup> dominou a sua vida. Em Pessoa e Cioran<sup>7</sup>, este estado não é algo que se combata com distrações, prazeres ou conversas. Este constitui uma experiência determinante e transforma-se em interrogação profunda da nossa razão de ser.

---

5 A entrevista referida foi publicada originalmente no jornal espanhol *El País* de 25 de outubro de 1990.

6 O tédio é um problema de saúde pública, não interessa aos poderes instituídos, nunca foi bom para a ação. Parece algo muito literário, mas seria devastador, uma maré de tédio, populações abúlicas, meditativas, críticas, questionadoras e distanciadas e separadas da vida que vivem sem porquê. Uma multidão lúcida da sua condição, abúlica por opção, crítica e cética sobre as grandes ilusões humanas, seria o fim quer da civilização frenética, quer da ideia de homem moderna e ocidental.

7 Se, em Pessoa e Cioran, a impotência para agir e o tédio não estão explícitos nos muitos milhares de páginas escritos, surgem contudo de modo implícito em todas elas. Constituem um fundo criativo e estruturador.

Se a impotência para agir, é inicialmente algo de visceral e orgânico, transforma-se em saber, em intelectualização que esclarece os respetivos comportamentos e atitudes perante a vida. O tédio é a experiência vital que produz uma estranheza radical em relação ao mundo e se transforma em conhecimento sobre a essência da realidade. Torna-se tédio metafísico e não devemos temer a palavra metafísica. Essa essência é a insignificância universal do que somos e a experiencição da nossa presença como um interlúdio entre um antes e um depois eterno.

O tédio transformado em visão do mundo provoca uma desintegração do sentido corrente da vida, das visões teleológicas da existência, das conceções finalistas e das apologias do sentido. A vida não tem sentido, não pode ter, para além das construções e dos mitos, e o homem é principalmente um animal mitológico. Há então, obrigatoriamente, uma verdadeira transmutação de todos os valores e hierarquias correntes.

A essência do tédio é o tempo, a relação humana com o tempo. Um tempo desprovido de objetivos, de metas e que não tende para qualquer tipo de realização. Esta desarticulação essencial entre o homem e o sentido não é patologia e tem uma dimensão prática e epistemológica. Permite forjar um tipo de sabedoria, um saber sem ilusões. Um saber desencantado e feliz por o estar.

A obra de Pessoa com a de Cioran radica numa filosofia do desengano e do desencanto. Diz-nos Pessoa: «Desenganemo-nos da esperança, porque trai, do amor, porque cansa, da vida, porque farta e não sacia, e até da morte, porque traz mais do que se quer e menos do que se espera.

Desenganemo-nos, ó Velada, do nosso próprio tédio, porque se envelhece de si próprio e não ousa ser toda a angústia que é.

Não choremos, não odiemos, não desejemos...

Cubramos, ó Silenciosa, com um lençol de linho fino o perfil hirto e morto de nossa Imperfeição...» (PESSOA, F., VOL II, 1982: 30).

A ausência de sentido, não na aceção existencialista, não é apenas deriva literária ou especulativa. Até mesmo para disciplinas como a física e a biologia, as questões do caos, do acaso e do aleatório estão há muito “em cima da mesa” como forças que regem o universo. A ordem e sentido humano são construções, artifícios para tornar a vida suportável, uma teoria sobre a existência e não a própria existência. Quanto mais a ciência conhece a estrutura da realidade, mais ela parece estranha e vazia de significado (veja-se, por exemplo, as teses de Stephen Weinberg e Jacques Monod), a não ser para os cientistas influenciados por conceções religiosas, mesmo que não assumidas.

O desengano é um sinónimo desse importante conceito de complexa caracterização, a lucidez. Para a psiquiatria, a lucidez é o período de sanidade percebido entre momentos de insanidade ou de confusão mental. Inclino-me para a definição de lucidez como discernimento, estar atento, alerta, acordado e sóbrio.

Regressemos a essas experiências capitais de dissociação, distanciação e diferenciação. Recordemos que uma experiência só o é, se resulta de um acontecimento ou soma de acontecimentos transformados em conhecimento, acontece alguns humanos transformarem-no em literatura e filosofia.

A visão da inanidade das coisas, do magnífico e dispensável fracasso que é o humano suporta-se através do desengano. As nossas decepções e fracassos são elevados a conhecimento. O desengano é o equilíbrio do vencido. O vencido é aquele que na visão predominante do mundo não é uma figura do sucesso. É episódico o êxito duradouro da figura do intelectual da cultura. Bicho amestrado para exibir em eventos.

A lucidez não radica na procura de uma verdade que não existe, mas no assumir a nossa condição de animal e ser delirante, que depende de mitos e de ilusões necessárias à vida. Não há verdade, mas verdades construídas que dependem das nossas limitações e das necessidades de sonhos compensatórios. Procurar a verdade ou desocultar ilusões pressupõe uma elevada crença, tão absurda como crença nenhuma. O saber desenganado consiste em viver a ilusão como ilusão e saber que necessitamos dela, tal como dos mitos. Ir ao essencial não é descobrir nada de transcendente, mas aceder ao âmago das coisas através da experimentação profunda dessas coisas (as relações, o mundo, o presente e o futuro, o eu e o nós). Não se procura fórmulas salvíficas, sabe-se que o saber dissocia do mundo, da vida normal, das felicidades e alegrias imersas no quotidiano.

Diz-nos Cioran: «Tudo é possível e nada o é, tudo é permitido e nada o é. Qualquer que seja a direcção escolhida, não será melhor que as demais. Realizar qualquer coisa ou nada, criar ou não, é tudo o mesmo, como é a mesma coisa gritar ao calar. Podemos encontrar uma justificação para tudo, como também nenhuma. Tudo é, por sua vez, real e irreal, lógico e absurdo, glorioso e insulso. Nada é melhor que nada, tal como nenhuma ideia é melhor do que outra» (CIORAN, E., 2011: 95-96). O filósofo Romeno faz ressoar nas suas páginas o tom que encontramos em Pessoa, veja-se a título exemplificativo: «(...) é tarde demais para ser sábio, que em qualquer caso, isso de nada serviria, sem contar que um mesmo abismo nos devorará a todos, os sábios e os loucos. Reconheço de resto que sou o homem sábio que nunca serei (...) Toda a fórmula de salvação age sobre mim como um veneno; desfaz-me, aumenta as minhas dificuldades, agrava as minhas relações com os outros, irrita as minhas feridas e, em vez de exercer, na economia dos meus dias, uma virtude salutar, desempenha um papel nefasto. Sim, toda a sabedoria, age sobre mim como um tóxico.» (CIORAN, E., 2011: 891).



John Gray é um dos mais importantes pensadores contemporâneos vivo (nasceu em 1948). Filósofo inglês e professor em Oxford. As suas ideias ousadas questionam o âmago da nossa civilização, crítico acérrimo do progresso e dos mitos das sociedades modernas e Ocidentais.

Num fragmento de Pessoa encontrei uma boa síntese do pensamento de John Gray.

No *Livro Desassossego* lemos: «Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido – sem saber porquê. E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertença, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem vêm só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. Considerarei que Deus, sendo improvável, poderia ser, podendo pois dever ser adorado; mas que a Humanidade, sendo uma mera ideia biológica, e não significando mais que a espécie animal humana, não era mais digna de adoração do que qualquer outra espécie animal.» (PESSOA, F., VOL I, 1982: 38)

Este é apenas um átrio para uma crítica ao humanismo, à ideologia humanista (crença consolidada a partir do Iluminismo), radicada na «abstracção que chamamos homem» e na crença que o progresso material é sinónimo de desenvolvimento moral e ético. Esta mundividência substitui a religião, colocando o homem no altar onde estava Deus, e gerando a maior parte dos erros conceptuais que temos sobre a vida e a nossa importância. Permutámos um erro por outro erro, quicá mais delirante. Daqui decorre uma necessária crítica à egolatria contemporânea que ficará, se houver um amanhã tão longínquo, como um dos maiores absurdos da nossa imaginação.

John Gray refere diversas vezes, nas suas apresentações públicas, a importância de abirmos janelas não humanas para o mundo. O mundo não é exclusivamente algo de humano e para os humanos. Bastará um cataclismo ambiental (ou um problema grave com os recursos como a água, ou a falta de petróleo ou eletricidade), e tudo o que é civilização e valores se esfumará num instante. Bastará olhar para o que vê alguma ciência, como por exemplo, a astrofísica, e não somos de facto nada. Nada que é tudo, mas ainda assim, nada.

A redução da humanidade a uma ideia biológica é não só de extrema lucidez como bastante realista, e está no cerne de muitos debates do fim do século XX e século XXI. Leiam-se as obras de Gray, *Sobre os Humanos e outros Animais* (2002) e *O Silêncio dos Animais* (2013)<sup>8</sup>. Trata-se de uma redução que nada tem de pejorativo, nem radica em

---

8 As datas referem-se à publicação original.

qualquer excesso biologista, antes coloca razoabilidade face aos delírios egocêntricos da nossa espécie, e aos consequentes devaneios que vivemos como se de verdades se tratassem. Não somos o princípio e o fim de tudo, nem o sentido do mundo se esgota em nós, nem tão pouco somos o centro do universo.

O que acabei de expressar, são lugares comuns, mas na verdade vivemos encerrados na nossa espécie, no nosso universo verbal, nas nossas logomaquias e mitologias, ou seja vivemos baseados em falsas crenças.

John Gray cita Pessoa no *Sobre os Humanos e Outros animais*: «Se considero com atenção a vida que os homens vivem, nada encontro nela que a diferencie da vida que vivem os animais. Uns e outros são lançados inconscientemente através das coisas e do mundo; uns e outros se entretêm com intervalos; uns e outros percorrem diariamente o mesmo percurso orgânico; uns e outros não pensam para além do que pensam, nem vivem para além do que vivem. O gato espoja-se ao Sol e dorme ali. O homem espoja-se à vida, com todas as suas complexidades, e dorme ali. Nem um nem outro se liberta da lei fatal de ser como é.» (GRAY, J., 2007: 117).

Somos animais como quaisquer outros, a nossa superioridade assenta numa auto-ilusão, somos os melhores no nosso mundo, como as espécies animais são melhores no mundo delas. Claro que podemos tentar libertar-nos dos nossos constrangimentos naturais, não só já no plano da crença, seja nas ideologias religiosas ou laicas, pois temos a tecnologia, mas sabemos como são funestas essas aventuras e têm principalmente um carácter não essencial, mas instrumental e reversível. Como podemos discutir a “superioridade” de uma espécie a partir exclusivamente da visão dessa própria espécie?

Uma das principais teses de John Gray diz-nos que a modernidade e os ideais iluministas, as crenças laicas, não passam de reapropriações do cristianismo. A modernidade e mesmo os seus movimentos mais revolucionários são a continuação da religião por outros meios. O homem é principalmente um criador de mitos. Lemos em Pessoa: «Este culto da Humanidade, com seus ritos de Liberdade e Igualdade, pareceu-me sempre uma revivescência dos cultos antigos, em que animais eram como deuses, ou os deuses tinham cabeças de animais.» (PESSOA, F., VOL I, 1982: 38)

Este é apenas um exemplo das possibilidades filosóficas que decorrem dos textos de Pessoa, autor que permite continuar a dialogar com outros deste século e certamente dos próximos, marca da profundidade de um pensamento fundamental.

## BIBLIOGRAFIA

CIORAN, E. M. (1973). *De l'Inconvénient d'Être Né*. Paris: Gallimard.

CIORAN, E. M. (2011). *Oeuvres*. Paris: Gallimard.

GRAY, John (2007). *Sobre Humanos e Outros Animais*. Lisboa: Lua de Papel.

PESSOA, Fernando (1982). *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*. Vol. I e II (Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e Organização de Jacinto do Prado Coelho). Lisboa: Ática.

